

René Lourau Pedagogo

Georges Lapassade

A partir de janeiro de 1964, em Aire-sur-l'Adour, Lourau experimenta em sua sala de aula a autogestão pedagógica, da qual eu lhe havia falado quando de nosso primeiro encontro em Arbus, Béarn, em dezembro de 1963. Ele entra assim na análise institucional, em vias de constituição, através dessa experiência de pedagogia autogestionária.

Três meses depois, em abril de 1964, visitamos juntos Bernard Bessière, o professor autogestionário de Aubervilliers que, na primavera, dirigia uma colônia de férias na região de Tarbes. Depois fomos ao hospital psiquiátrico de Saint-Alban e, de lá, a Marvejols, onde Tosquelles dirigia uma Casa para crianças deficientes. Esta viagem de tipo iniciático termina em Toulouse, onde tem lugar um congresso nacional da UNEF2, cujo desfecho é a entrada da “tendência psicossociológica” na direção nacional da organização. A análise institucional, nesse momento, era a versão esquerdista da psicossociologia dos grupos.

Em uma brochura datada de 2000, Raymond Fonvieille evocou seu primeiro encontro com René Lourau, em 27 de outubro de 1964, na casa de Florence Ribon e Yves Janin, militantes da UNEF. Lá se reunia um pequeno grupo com intenção de “confrontar e analisar” o que tanto eles quanto eu observávamos no conselho de classe do professor Fonvieille, em Gennevilliers. Lourau descrevia a autogestão em sua turma de francês no Liceu técnico Dorian; Lobrot falava dos problemas vividos com os inspetores do ensino em sua escola de formação de educadores. Eu também participava dessas reuniões, que iriam dar origem ao Grupo de Pedagogia Institucional (GPI).

Ainda em 1964, animávamos juntos uma página semanal do jornal *Combat* consagrada aos problemas de educação, que nos servia de tribuna.

A iniciação à socioanálise

Pouco tempo depois de sua chegada a Paris, Lourau começa, assim como eu, a se inteirar da socioanálise de J. e M. van Bockstaële. Entre 1964 e 1967, participa de vários estágios do Centro de Socioanálise. Ora, como ele recordou recentemente, “o

interesse maior pela pedagogia está ligado, desde o começo de nosso próprio movimento, à experimentação da socioanálise”.

Adotáramos este termo (“socioanálise”) para designar nossa prática de formação e de intervenção, especialmente em Tours e Hendaye. Estas sessões de “socioanálise”, que eram ao mesmo tempo sessões de formação, constituirão mais tarde a base de uma obra que Lourau virá a publicar em 1972, sob o título *Les analyseurs de l'église*. Um pouco mais tarde, utilizamos a expressão “análise institucional socioanalítica” para distinguir nossa corrente daquela da Psicoterapia Institucional.

O 22 de março em Nanterre

Um pouco depois, René Lourau deixará seu cargo no Liceu Dorian para se tornar assistente de Sociologia de Henri Lefebvre em Nanterre. Nesse preciso momento, a faculdade de Nanterre é palco de uma fermentação político-universitária da qual um dos momentos fortes é a ocupação da torre administrativa, na noite de 22 de março de 1968.

Nessa noite, Lourau está em Nanterre, onde “dá seu curso” – na realidade uma sessão de trabalho conduzida rigorosamente segundo os princípios pedagógicos (“não diretivos”) do Grupo-T. Trata-se, portanto, de uma sessão de análise coletiva daquilo que se passa na faculdade “aqui e agora”. Mas surgem os estudantes militantes, que convidam Lourau a segui-los para, juntos, ocuparem a Torre. Ele recusa, considerando – foi seu diagnóstico e sua resposta – que esta “passagem ao ato” significa uma recusa da análise, à qual, como analista, não deveria aderir.

Após os acontecimentos de maio de 1968, ele evocará, de maneira ligeiramente autocrítica, este episódio de sua carreira docente: a ocupação da Torre – dirá – constituía um *analizador* do que era a universidade francesa naquele momento. Mas a noção de analisador (elaborada, à época, por Guattari) faltava, então, à teorização da análise institucional...

Bem mais tarde, aliás, Lourau escreverá o seguinte: Tornando visíveis e concretas as ideias, as esperanças e as estratégias que se acreditavam ou se desejavam encerradas no mofó de velhos alfarrábios marxistas ou anarquistas – ou na poesia surrealista, ou mesmo nos grandes sonhos de Rousseau e dos socialistas ditos utópicos

do século 19 – o movimento social de Maio de 68 orientou a análise institucional em uma direção que, sem esse acontecimento analisador das instituições, poderia se integrar pacificamente nas correntes modernizadoras que já influenciavam a *intelligentsia* e o poder político (LOURAU, 99-00).

De qualquer forma, essa escolha, na noite de 22 de março, indica a que ponto o modelo não diretivo do Grupo-T estava presente nas práticas universitárias de Lourau naquele momento (em certo sentido, sempre haverá um lado Grupo-T em sua pedagogia universitária) e o quanto a definição freudiana de *análise* podia estar presente, naquele tempo, em sua concepção e prática da análise institucional, bem como na prática de todos os institucionalistas da primeira geração.

Primeiras obras sobre a pedagogia

Em 1969, Lourau publica dois livros: *L'instituant contre l'institué* e *L'illusion pédagogique*. Particularmente neste último, percebe-se que para ele a questão pedagógica é, desde a primeira etapa, essencial. Em 1969 defende tese de doutorado, logo publicada sob o título *L'analyse institutionnelle (A análise institucional)*. Um dos capítulos é consagrado à Pedagogia institucional, apresentada, ainda aqui, como uma das dimensões essenciais da análise institucional. Lourau publica também *Analyse institutionnelle e pédagogie*, que será retomada em *Sociologue à plein temps (Sociólogo em tempo inteiro)*.

Balanco desses “anos de aprendizagem”

Acerca desses “anos de aprendizagem”, cujo ponto final é a defesa de tese, podemos dizer que: a) René Lourau entrou na análise institucional pela via pedagógica (ao passo que eu entrei, alguns anos antes, pela porta da psicossociologia, mais precisamente pela do Grupo-T – o que quer dizer, de certo modo, também pela Pedagogia); b) a segunda porta de entrada na análise institucional foi, para ele, a da *socioanálise*, que significou a princípio uma espécie de complemento da pedagogia, tornando-se, em seguida, uma prática de intervenção (é o que acontece à época de meu retorno de Tunísia, em 1967-68, quando animamos juntos seminários de formação/intervenção em Tours e Hendaye); c) a partir dessa associação entre práticas pedagógicas e socioanalíticas, bem como de um importante trabalho de teorização,

Lourau produz, em forma de tese, uma obra que encerra seus anos de aprendizagem e, ao mesmo tempo, começa a instalar nossa análise institucional no espaço universitário. Ele dá provas de uma grande capacidade de conceptualização, o que caracteriza, aliás, o conjunto de sua obra.

Pedagogo universitário

Pouco tempo depois da defesa de tese, Lourau é convidado a suceder Eugène Enriquez no cargo de professor de sociologia da faculdade de letras de Poitiers. Além de professor, torna-se diretor de departamento. Mas será suspenso depois de algum tempo de trabalho, por motivos diretamente ligados a sua pedagogia universitária: a prática de avaliação dos conhecimentos, sobretudo. Ao menos oficialmente, pois tal sanção também está ligada, na realidade, ao clima anti-institucional que reina no departamento de sociologia, onde ele instala, com os estudantes, uma creche e onde sua esposa Françoise anima um seminário de bioenergia – um pouco contra a sua vontade, diga-se de passagem.

Decorridos dois anos de suspensão e um longo processo judicial, Lourau não pôde retomar o cargo em Poitiers. Finalmente, é nomeado professor no departamento de ciências políticas de Vincennes. Começa, então, um novo período de sua carreira e, ao mesmo tempo, da análise institucional – período no qual me parece serem as publicações sobre pedagogia menos numerosas que no anterior, pelo menos se considerarmos a lista de suas obras.

Mas temos de levar em conta as publicações de artigos diversos, os números especiais de revistas como *Connexions*, *Pour, L'Homme et la Société* (consagrados à análise institucional), os inúmeros boletins para uso interno dos quais Lourau foi um dos principais animadores, assim como os textos inéditos que ele nos deixou, alguns dos quais mais uma vez concernentes à pedagogia – como é possível constatar através da leitura do texto, provavelmente inédito, que publicamos no presente número de *Pratiques de formation*³.

Últimas publicações sobre pedagogia e outras iniciativas

Lourau nunca deixou de se interessar pelos problemas pedagógicos. Para nos convenceremos disso, basta levar em conta algumas de suas publicações e iniciativas

mais tardias: a) em 1994 publica, em colaboração com Jacques Ardoino, um livro intitulado *Les pédagogies institutionnelles* (ARDOINO e LOURAU, 1994); b) está presente, através de seus escritos, em obras coletivas, como a que Patrick Boumard e Ahmed Lamihi dedicam, em 1995, na editora Ivan Davy, às pedagogias autogestionárias; c) em 1997, um capítulo de *La clé des champs* é dedicado à autogestão pedagógica. Lourau volta ao tema da ação contra-institucional, ressaltando “a confusão que não cessa de reinar” nas pedagogias de vanguarda: O Panteão pedagógico mistura muito comodamente a não-diretividade de Carl Rogers, os anarquistas franco-maçons Sébastien Faure e Francisco Ferrer, o funcionário da Tcheka (futura KGB) Makarenko, o freudismo libertário de Neil, a utopia crítica de Ivan Illich, as educações centradas na criança com Korczack, na Polônia, ou Freinet, na França... d) em 1999, enfim, no terceiro *Cahier de l'implication* (pág. 164), a propósito do debate sobre o lugar concedido à formação de socioanalistas no Laboratório de Análise Institucional de Paris VIII, Lourau lembra que este laboratório organizou “jornadas de estudo tratando unicamente de Pedagogia: uma sobre Célestin Freinet e Fernand Deligny, outra sobre Janusz Korczack e Paulo Freire”.

Referências

- ARDOINO, J. e LOURAU, R. *Les pédagogies institutionnelles*. Paris: PUF, 1994.
- BROCHURE, 2000. Documento coletivo distribuído nos funerais de René Lourau.
- FONVIEILLE, R. “Un chemin long de trente-cinq ans 2000”, in: *Réne Lourau, brochure pour les obsèques*.
- LOURAU, R. *L'Illusion pédagogique*. Paris: l'Épi, 1969.
- LOURAU, R. *L'instituant contre l'institué*. Paris: Anthropos, 1969.
- LOURAU, R. *L'analyse institutionnelle*. Paris: Minuit, 1970.
- LOURAU, R. *Les analyseurs de l'église*. Paris: Anthropos, 1972.

LOURAU, R. *La Clé des Champs*. Paris: Anthropos, 1997.

PLEIN G. *René Lourau – un chercheur sans spectacle. brochure des obsèques*. 2000.